

LINHA DO HORIZONTE

TÍTULO: Linha do Horizonte

AUTOR: Agualdo Fonseca

Capa: Zeferino T. Paulo

1.^a Edição: Casa dos Estudantes do Império. Lisboa 1951

Composição e impressão: Gráfica Modelo. Lisboa

2.^a Edição: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA)

A presente edição reproduz integralmente o texto da 1.^a edição.

Artes Finais da Capa: Judite Cília

Composição e Paginação: Fotocompográfica. Almada.

Impressão: Printer Portuguesa. Mem Martins.

Esta edição destina-se a ser distribuída gratuitamente pelo Jornal SOL, não podendo ser vendida separadamente.

Tiragem: 45 000

Lisboa 2014

Depósito Legal: 378 377/14

Apoios Institucionais:



AGUINALDO FONSECA

LINHA DO HORIZONTE

POESIA

LISBOA
1951

*O autor agradece aos funcionários da
Caixa de Previdência dos Operários
Metalúrgicos a valiosa e desinteressada
colaboração prestada durante a
preparação deste livro.*

À memória de meus Pais

Aos meus irmãos



CÍRCULO

Nascemos, morremos, tornamos a nascer
Em cada sonho, cada ideia, cada gesto.
Cada dia que chega é flor que se abre ao sol
Com novo cheiro, nova cor, nova beleza.

Nossos desejos são asas que se elevam
Cruzando o céu da vida em voo largo...
Mas nunca chegam, nunca param,
Enquanto corre o sangue e a vida cresce e rola.

O fim dum sonho é o começo doutro,
Cada horizonte outro horizonte aponta
E uma esperança morta outra esperança aquece...

Há mágoas, alegrias, desesperos...
E a gente, insatisfeita,
Enquanto ri ou chora ou canta ou fica triste,
Vai nascendo, morrendo e renascendo,
Cada dia, cada hora, cada instante,
Noutra vida, noutro sonho, noutra esperança.

REVOLTA

AO EVANDRO MATOS

Revolta dentro do peito

Por aquilo que não fiz
E que eu devia ter feito.

Revolta dentro de mim

Por tropeçar em mim mesmo,
Por não saber onde estou...
Por caminhar tanto a esmo
Que trago os passos perdidos
Nos próprios passos que dou.

Revolta desde menino

Por tantas horas perdidas

A procurar o Destino
Nas sombras doutros destinos.

Revolta crua e sem fim...
Tantos pedaços de mim
Que destrocei sem saber!...
Revolta, sempre revolta,
Por um pedaço de céu
Que não me dão... e era meu...
Revolta, funda revolta,
Dentes rangendo na sombra.

Do fundo de um corredor
Crescem gemidos de dor
Dos escravos meus avós...
Grilhetas prendendo os pés,
Prendendo também a voz...
E o sangue formou um rio
E o rio correu para o mar
E foi chorar, noite e dia,
Nas praias de todo o mundo.

Revolta dentro de nós,
Revolta arrastando os passos...

Vozes mancharam-me a voz,
Braços prenderam os braços...
Voo desfeito no berço...

Revolta crua e sem fim,
Revolta triste e infeliz,
Por trazer esta revolta
Fechada dentro de mim,
Num verso que nunca fiz.

IDENTIDADE

Cada poema que escrevo

É uma fuga para além de mim.

Cada palavra que sinto e depois digo

É um quebrar de algemas e um voar distante.

Chora em mim a saudade daquilo que não fui,

Canta em mim a alegria daquilo que serei...

Contam de mim histórias más e boas,

Apontam-me na rua, quando passo

— «É aquele, foi aquele que aí vai»...

Só eu me desconheço,

Só eu não vejo em mim aquilo que outros vêem...

E estrago, peça a peça, o que já fui,
Para desvendar quem sou.

Porque contam de mim histórias que não sei?
Porque me hão-de apontar na rua, quando passo?

Eu vivo da esperança
Do dia que há-de nascer,
Dos caminhos por pisar
E das praias, dos mastros, do mar largo...

Ergo a cabeça aos astros com orgulho
E bato com a mão no peito a desafiar o mundo:
— Fui fadado à nascença para ser
Aquilo que não sou.

LENGA-LENGA

Este silêncio de pedra
Que responde ao meu tormento
É um silêncio onde medra
O musgo do Esquecimento.

Todo o ano, toda a vida,
Peço a vida que mereço...
É luta inglória e perdida
Num campo que desconheço.

Muda estátua à minha frente
Com mistérios de profeta
Traz um silêncio envolvente
Cobrindo a forma inconcreta.

Resvala a voz na parede
(Sombra de pássaro a cair...)
Meu peito é terra com sede
De roseirais a florir.

Ai! que silêncio de pedra!...
Atiro raivas ao vento
E à minha volta só medra
O musgo do Esquecimento.

Atiro pedras, com raiva
De grande fera enjaulada...

Mas a Vida que prefiro,
Sinto-a, ao longe, estilhaçada
Pelas mesmas pedras que atiro.

INTERVALO

A vida por que vim e por que luto
Chama por mim do fundo doutra vida.
Em vão procuro, em vão a voz escuto
E perco horas e dias
A pedir outros dias.

E espero, espero,
Espero longamente...

Sou forma inacabada
Princípio sem limite de revolta,
Asa sem voo
Ou voz que não se solta,
Na garganta pregada.

Se tento alguma vez um voo longe do mundo,
A poesia sobe
E os pés cá ficam neste chão imundo...
E espero, espero sempre...

Trago em mim, sempre a crescer,
Qualquer coisa sem remédio...
Bem no fundo do meu ser
Sinto abrir-se a flor do tédio
Como um domingo a morrer
Numa mortalha de chuvas...
E espero, espero sempre...

Nesta vida — teatro de mil cenas —
Em que me afundo
A descobrir outros mundos
Nos próprios ecos do mundo,
Não vivo ainda: espero apenas
(Muita vez a chorar e muita vez risonho)
Que venha mão amiga, que venha um gesto breve
E dê forma concreta às nuvens do meu sonho.
E espero, espero sempre...

No poente que desmaia tremem finas saudades.
Minha alma alonga-se...
(Fundos suspiros de eternidades).

E eu, por aqui, sempre perdido,
Farto de mim
E de mim esquecido,
Ao longo desta tarde que não finda
Espero, espero, espero,
Espero ainda...

NOCTURNO DO BAIRRO POBRE

PARA O ADRIANO E O ALFREDO LEITE

Abre-se a flor do silêncio.

Voam pétalas de sombra pelas ruas...

Agora, a noite é tinta espessa e negra

Derramada sobre as casas que adormecem,

Enquanto os homens caem

Num sono curvo e longo

Como árvores abatidas sobre a estrada.

Boiam à flor da alma velhos cansaços

Como pesados navios na treva balouçando...

Chega por fim a Lua
Por caminhos de mundos nunca vistos
(Traz à lembrança esguias sombras de palmeiras).

Em cada esquina há um grito sufocado.
As horas, despedaçadas pelo vento,
Rolam na sombra e nunca mais regressam.

E o mar da vida, verde-escuro e feio,
Que bateu todo o dia,
Raivoso como um toiro,
Contra rochas de incertezas e praias de ilusões,
Fervendo, mugindo, curvando o dorso,
Cuspindo espuma,
Vem de longe, já farto de ser mar,
E espreguiça-se molemente sobre a terra
Com um resfolegar cansado
De enorme locomotiva.

AMOR DISTANTE

Eu e tu...

E entre nós, o silêncio...

— Um silêncio a ferver em beijos

Que não te dei nem me deste.

Eu e tu...

E entre nós dois,

Uma promessa, um aceno,

Uma saudade tão fina...

Uma palavra escondida

Sempre a brincar, a brincar

No teu olhar e no meu...

Eu e tu...

E entre nós dois,

Asa tonta que vai e vem,

Que vem e vai,

Inofensiva e ligeira...

Entre nós dois, um suspiro...

Eu e tu...

E entre nós dois,

Todo o mistério, toda a vida,

Todo o sabor sem limite

De um fruto nunca provado!

TABERNA À BEIRA-MAR

Uma luzinha distante
E um farol cuspindo luz
Na cara negra da noite,

Tudo é salgado e saudoso.

Ventos com ondas às costas
Fazem tremer a taberna,
Que é um navio ancorado.

Amor intenso e brutal
Entre navalhas abertas
E o desleixo
De uma rameira entre os braços.

Andam no ar desesperos
Em densos rolos de fumo.

Garrafas, copos, garrafas...
— Ai! a sede do marinheiro...

Tatuagens picando a pele
Gritam a dor e a bravura
Das aventuras nos portos.

Gente de todas as raças,
Gente sem pátria e sem nome
— Apenas gente do mar
Com voz de sal e de vento
E barcos nos olhos líquidos.

Entram o Tédio e a Saudade
Mordendo velhos cachimbos...
Entram e saem depois
Levando, aos tombos, um bêbedo.

Baralhos, mesas e bancos,
Garrafas, copos, garrafas
E a cara do taberneiro
Instigam a velhas revoltas.

E tudo cheio de vícios,
E tudo cheio de sono
E tudo cheio de mar!

DIVISÃO

Eu e tu combinámos

Construir o nosso mundo.

Tu é que transportaste pedras, cal, água e ferramentas;

Eu é que fiquei de longe apreciando:

A obra ia ficar tão bela!...

Eu é que entrei,

Eu é que inspeccionei tudo,

Com um sorriso de beatitude

A obra ia ficar tão boa!...

Tu é que pegaste na pá e na picareta...

Tu é que abriste estradas

E plantaste árvores à beira das estradas,

E ficaste com os pés e as mãos sangrando
Devido ao esforço do trabalho...
Mas eu é que tomei um automóvel
E percorri as estradas
E colhi os frutos das árvores que plantaste.
— Tudo estava tão belo, tudo estava tão bom!

Tu é que cavaste o solo e lançaste a semente
E baptizaste a terra com o suor do teu rosto.
Eu é que admirei a seara imensa e gritei:
— Fartura!

Tu é que descansaste a enxada
Por um momento apenas
E limpaste o suor
E contaste o salário tão mal pago
E bradaste:
— Fome!

Eu e tu combinámos construir o nosso mundo...
Mas, depois da obra acabada,
Eu entrei, fechei a porta...
E tu ficaste na rua.

FURTARAM-ME TUDO!

O mundo está estragado!

O mundo está cheio de ladrões!

A mim, furtaram-me a carta de recomendação

Que eu trazia para a Vida...

Furtaram-me o livrinho onde estava o meu Destino

E deram-me um destino desconhecido...

Furtaram-me tudo...

Não sei se na minha infância

Ou se logo quando eu nascia.

Eu devia ter muita coisa!

Eu devia ser muita coisa!...

Mas tudo, tudo me furtaram
E agora não sou nada,
E agora não tenho nada.

Ah! livrinho onde estava o meu Destino!
Ah! carta de recomendação que eu trazia para a Vida!
— Que é feito de vocês?

O mundo está cheio de ladrões de destinos!
O mundo está cheio de ladrões de cartas de recomendação
— Cartas de recomendação para a Vida
Que nunca chegam ao seu destino!

POETA E POVO

O povo gritou de fome.

Muitos ouviram mas ninguém chorou.

O povo caiu na lama.

Todos o souberam mas ninguém chorou.

O povo martirizado

Morreu em campos de concentração.

Ninguém chorou.

Mas o poeta escreveu então

O melhor poema de todos os poemas.

A voz do poema não era a voz do poeta:
Era a voz do povo,
O grito do povo, o choro do povo.

Os versos do poema choravam como o povo...
E, o poeta, ao escrevê-los,
Chorava também com eles.

VAGABUNDO DAS ESTRADAS

Ai! Não me peçam que pare.

Eu já não posso parar

Pois cortaram-me as amarras

No ventre da minha mãe.

Vou lançado para a frente

Numa corrida sem norte.

Milhões de ventos perdidos

Levam-me o corpo e a vida.

Não vejo forças que domem

A vontade que há em mim

De alargar o mundo estreito.

Cada passo é já desejo
De outros passos, de outras fugas...
E, de cada ponto onde caio,
Para outro ponto me empurram.

Dizem-me as ondas, na praia,
Com bocas de areia e conchas:
— Foge! Foge! Foge! Foge!
Diz-me a voz do coração:
— Foge! Foge! Foge! Foge!

Num céu limpo e transparente
Que vai cair sobre o mar
Navegam asas e nuvens
Em voos largos e mansos.

Ai, não me digam que pare,
Pois já não posso parar...

Do mistério das estrelas,
Da brisa que sai da noite,
Dos olhos de quem me fala,
Da voz antiga do mar

Encarcerada nos búzios

Vem um convite insistente:

— Foge! Foge! Foge! Foge!

Ai, não me peçam que pare,

Pois cortaram-me as amarras

No ventre da minha mãe!

METAMORFOSE

Lá, era o fim da Terra
Ou o princípio do Céu.
Lá, os pássaros voavam sem susto
E brincavam no ar,
— Porque o ar era deles.
Lá, a paz imensa parecia domar
Toda a alma rebelde.
Lá, a vida parava.
Aquilo não era do Homem:
Era o fim da Terra ou o princípio do Céu.

Mas, um dia, o Homem chegou
Cheio de vida, cheio de força, cheio de fé...

E o seu grito atravessou as nuvens
Como um punhal
E derrubou as montanhas;
Os ares fenderam-se;
Os pássaros caíram como pedras desgarradas.
O encanto quebrou-se!
O Homem não foi cruel
— Foi apenas humano.

Agora,
Lá não é o fim da Terra
Nem o princípio do Céu
— Mas, sim, a continuação da Vida
De que o Homem precisava.

ESPERANÇA

À MARIA DA LUZ DO NASCIMENTO

Há vinte e tal anos que te espero.

Desde o dia em que fui dado à luz

Eu te espero sempre

E por ti luto e venço,

Sou vencido e luto.

Não sei quem és, não sei como és:

Se és estrela, planeta ou cometa,

Se és Deus ou Deusa,

Se és tempestade ou bonança.

Adivinho-te a acenar-me

Entre a luz incerta dum futuro

Que, quanto mais perto, mais longe.

Por ti caio na lama do pecado,
Por ti levanto a bandeira da virtude,
Por ti entro nos escritórios
E estendo a mão aos gerentes
Para a esmola dum emprego.

Há vinte e tal anos que te espero.
No dia em que chegares, eu te abraçarei
E sairemos para a rua
Para que todos vejam o prémio da minha luta,
Para que todos saibam
Que atingi o fim para que vim ao mundo.

Ah! se algum dia eu viesse a descobrir
Que eras apenas ficção,
Sombra vã que se desfaz
Ou fruto duma simples ilusão óptica,
Eu me despenharia pela encosta da Existência
— Pois a vida seria inútil!

Na sala de espera da Vida
Estou há vinte e tal anos

Aguardando a tua entrada.

Tantos visitantes!...

— Lobos vestidos de cordeiros, falsos profetas,

Mãos apresentando esmola e escondendo punhais...

Mas deixo-os passar, pois só por ti espero.

Se me perguntarem quem és, como és, e por que virás,

Não saberei informar.

Só direi que te espero há vinte e tal anos

E por ti luto e venço

E sou vencido e luto,

Ó estrela, planeta ou cometa,

Ó Deus ou Deusa,

Ó tempestade ou bonança!

VIELA DO FADO E DA MORTE

Passam sombras, passam sombras...

Na viela é sempre noite.

Gestos e vozes, se nascem,

Ficam logo amachucados

Na estreiteza da viela.

Túneis de mortes e desgraças

Cruzam a alma do Fado

Que os homens cantam e choram

Pedindo um Sol que não nasce.

Sob fraca luz cor de fome,
A Morte aguarda, à esquina,
Com um sorriso sem carne.

Passam sombras, passam sombras...
Na viela é sempre noite.

Meninos de olhos de sono,
Agachadinhos e tímidos,
Espreitam
Ricos palácios que ficam
Na outra margem da Vida.

E os homens, mesmo calados,
Cantam e gemem o Fado,
Rasgam a alma aos pedaços...
Cavam fundas sepulturas,
Com guitarras dentro do peito.

MÃE NEGRA

A mãe negra embala o filho.

Canta a remota canção
Que seus avós já cantavam
Em noites sem madrugada.

Canta, canta para o céu
Tão estrelado e festivo.

É para o céu que ela canta,
Que o céu
Às vezes também é negro.

No céu

Tão estrelado e festivo

Não há branco, não há preto,

Não há vermelho e amarelo.

— Todos são anjos e santos

Guardados por mãos divinas.

A mãe negra não tem casa

Nem carinhos de ninguém...

A mãe negra é triste, triste,

E tem um filho nos braços...

Mas olha o céu estrelado

E de repente sorri.

Parece-lhe que cada estrela

É uma mão acenando

Com simpatia e saudade...

SENSIBILIDADE

O doente soergue-se no leito
E espia timidamente pela janela entreaberta,
Oh! como o dia está claro, convidativo, diferente,
Diferente de todos aqueles dias
Do tempo em que ele era saudável
E passeava livre, despreocupado,
No meio da multidão!

Da rua vem um rumor novo
De vida nova:
Um claxon de automóvel,
Um grito,
Crianças correndo embriagadas de luz...

No entanto,
As pessoas passam
Apressadas, burocráticas, indiferentes,
Indiferentes à claridade extraordinária
Que banha tudo lá fora.
Falam de coisas banais
E de coisas tenebrosas;
Dizem que a vida está cara,
Gritam e barafustam...
Mas o dia está crescendo
Cheio de luz e de vida!

E só o doente — só ele! —
Soerguido e espiando através da janela
Vê e sente o dia que se vai abrindo
Suavemente, suavemente,
Como bênção de Deus!

INTERROGAÇÃO

A MARIA AMÁLIA FONSECA

Quem és tu que assim me falas?

Quem és tu que me segredas

Tantas e tantas palavras

Que ficam mal definidas

Na imaginação febril da minha mocidade?

Se durmo, estás acordado

Remexendo coisas passadas

Sobre o meu sono cansado.

Se é bom ou mau o que fazes

Ao certo não sei dizer.

Quem és tu?

Por que te escondes?

Quero abraçar-te, e estás longe;
Quero agarrar-te mas foges
Como uma sombra traquina.

Estás sobre os meus livros,
Estás sobre os meus ombros...
Prometes-me o que não tens,
Pões-me uma estrela a brilhar
Fora do alcance das mãos
E embalas a minha tristeza
Com um projecto de fuga.

Por que me apontas caminhos
Tão longos para os meus passos?
Por que me falas de luas e varinhas de condão?
Trazes boiando na voz
Mil luares de promessas...

Fazes teus meus próprios gestos...
Já sabes tudo o que quero...
Sou eco da tua voz.

Mas quem és, quem és, afinal,
Ó tu que só a mim falas,
Ó irmão desconhecido,
Que moras dentro de mim?

CHORO NA NOITE

Alagando a noite toda,
Vinha um choro longo, desamparado,
Um choro de séculos,
Como uma canção de escravos.

Era um choro molhado em lágrimas salgadas
E vinha, como um vento frio e desgarrado,
Gelar os corações.

Por isso, a criança mexeu-se
E fez ranger o berço;
O bêbedo parou, absurdamente,
Sózinho na noite imensa;

O guarda nocturno escutou...
E um cão vadio arremessou contra a Lua
O punhal agudo do seu uivo triste.

Talvez fosse o choro daquela moça
Que guarda para a noite
Os seus suspiros, a sua revolta e os seus planos de vingança...
Talvez o choro de alguma alma angustiada
Que viesse, cansada, de muito longe,
Visitar um parente que está sofrendo aqui...

Era um choro
Feito de todos os choros da vida:
Um choro meu, um choro teu,
Um choro universal.

Por isso, abri os olhos de espanto
E fiquei longo tempo espiando
A magia exótica do luar,
Naquela hora tardia e grave
Em que as sombras e as lembranças
Tomavam proporções de coisas gigantescas.

PEDIDO DE PERDÃO

Mamã, peço-te perdão

Por todas as mentiras que contei
Quando criança.

Oh! como te enganei!

Que maravilhas não contava o meu silêncio!

Que promessas não brilhavam no meu olhar!

Tu sorrias para o instinto dos meus gestos

E compreendias tudo o que te diziam

O meu silêncio e o meu olhar de criança...

Tudo o que te diziam e que afinal era mentira.

Por isso peço perdão.

Ah! que homem devias ter visto erguer-se em mim,
Para além da minha infância!
— Um médico, um engenheiro, um governador..
Ou um comandante de navio que iria para longes terras
E te viria tirar
Da prisão das nossas ilhas...
E sorrias satisfeita, dormindo na promessa
Das minhas mentiras possíveis-impossíveis.

Mamã, peço-te perdão
Por todas as mentiras que contei.
Foi sem querer..
A culpa foi do porteiro da vida —
Que me indicou uma porta
Que não era a porta da minha vida.

A porta por onde eu devia entrar
Para ser um médico, um engenheiro, um governador..
Ah! essa ficou no caminho

Para trás, lá para trás, no fundo
Da minha perdida infância!

Mamã, peço-te perdão,
Pois tudo foi sem querer.

POETA

Podem despir-te de tudo o que tens...

Podem tirar-te os olhos com que vês o mundo,

A arte com que pões viver

Numa folha de papel

Todas as raças da Terra...

Poeta,

Podem arrastar-te e afogar-te

Em águas turvas, imundas;

Esfaquear-te desapiedadamente;

Pisar-te, amachucar-te...

Podem fazer um fardo de tudo o que tens em ti

E arremessá-lo para longe...

Podem transformar-te em cinza,
Cavar a terra, enterrar-te
E cobrir-te com outras cinzas...
Podem depois perseguir a tua alma,
Agarrá-la e acorrentá-la em subterrâneos sem fundo...

Poeta,
Podem tirar-te tudo, tudo, tudo,
Que ainda ficará qualquer coisa de ti;
Qualquer coisa que poderá estar numa palavra apenas,
Num gesto qualquer, moral ou imoral,
No canto duma casa ou na esquina duma rua,
Na boca dos que te amam
Ou nos olhos dos que te odeiam,
No leito duma prostituta
Ou no trono duma rainha...

Qualquer coisa enorme, imensa, indefinível,
Que também pode caber na mais ínfima das coisas.

Qualquer coisa enorme, imensa, indefinível,
Atravessando os mares e abrangendo os mundos!

PERDIDA

Braços de homens apertaram sôfregamente

A tua carne.

Caiu estrangulada

A deslumbrante primavera do teu corpo.

Onde a graciosidade dos teus passos?

E a frescura matinal do teu sorriso?

Onde, onde pára a música da tua voz?

Não mais a moça que esperava noivo,

Não mais a moça que cantava sempre.

És agora uma flor murcha, ou fruta espremida.

Tens o jeito cansado e desinteressado

De quem se entregou para sempre.
O vento do infortúnio vai varrendo dia e noite
O deserto do teu corpo
E aos poucos vão-se mingando as dunas dos teus seios.

Eu abraço
A longínqua sombra do teu corpo
Que sai lá dos fundos da tua antiga casa
— A casa de teus pais —
Ou do ar infantil dessa antiga blusa cor de rosa
Que ainda conservas
No fundo da tua mala.

Bem sabes que abraço a tua antiga sombra...

E eu bem sei que em certas horas silenciosas
De pura concentração espiritual,
Abandonas o teu quarto de mulher perdida,
Deslizas para a rua, saltas para o passado
E vais depor, saudosamente,
Tuas lágrimas e tuas flores
Sobre a campa daquela que tu eras.

TEU DRAMA

O drama que roubou o brilho ao teu olhar,
Que te pôs fundas rugas sobre o rosto
E pintou-te de branco o cabelo,
Ninguém o viu nem ouviu.

Foi um drama distante,
— Um drama longe do mundo,
No fundo, bem no fundo de ti mesmo —
Feito de ódios, de vinganças,
De traições e injustiças,
De incertezas, de ilusões e de esperanças perdidas.

Tudo foi muito longe, mas à luz do dia,
Quando se ouvia a algazarra viva das crianças,

Com lojas e praças cheias de apressados compradores...
Quando um frémito de vida
Empurrava toda a gente.

Foi um drama à luz do dia,
Sem gritos, sem alarme,
Sem notícia nos jornais.

Ah! o teu drama foi um drama distante
Que arrastaste durante anos
Pelas ruas, pelas lojas,
Pelas mesas dos cafés.

Dentro de ti centenas de barcos afundaram-se
Com o carregamento completo
De todos os portos de escala
Da tua preciosa vida.
Pedaços de horas e dias,
Farrapos de esperanças,
Ficaram boiando, inúteis,
À flor das águas salgadas da tua existência.

Nem gritos de terror,
Nem pedidos de socorro...
Nem tábuas de salvação
Ou a esperança duma costa.

Foi um drama distante e brutal,
Enorme e incompreensível
Como as coisas desconhecidas.

Nem gritos de terror...
Nem tábuas de salvação...
Nem uma mão piedosa
Para acender uma vela
Na noite escura da tua agonia.

OPORTUNIDADE PERDIDA

Estava a chegar o dia único,
O dia desejado,
O dia que o mundo inteiro esperava.
Homens de casaca e chapéu alto aguardavam.
O último pedaço de pão foi engolido à pressa.
O trabalho parou.
Derrubou-se a bigorna, arremessou-se o martelo
E as criadas e os homens das tabernas
Tiraram os aventais.
Fizeram-se mais dívidas,
Pois no dia desejado pagar-se-ia tudo.
O pobre insultou o rico...
Houve tumultos e abusos

Porque o dia estava a chegar:

— Os povos o anunciavam

E os sábios o confirmavam.

E o dia chegou de facto.

Mas foi quando ninguém já o esperava,

Foi num momento em que todos estavam distraídos

Que o dia chegou, sem um aviso sequer,

Como outro dia qualquer...

Chegou, passou...

E a folhinha foi rasgada.

De repente,

Os homens acordaram em sobressalto

E vestiram as casacas

E puseram os chapéus altos

E assentaram-se novamente

A espera do dia desejado.

E até agora todos estão aguardando

O dia prometido,

O dia das riquezas, o dia do resgate,

O dia que o mundo inteiro espera

E que chegará outra vez
E passará outra vez
Sem que ninguém o pressinta,
Como outro dia qualquer.

O ROMANCE COR-DE-ROSA

Ao acender das luzes

Que trepam, pouco a pouco, pela encosta,

A voz do mundo fica velada e triste

Como vozes rezando numa igreja.

Após o dia inútil,

A menina feia e pobre

Fecha o romance de capa cor-de-rosa

Comprado numa feira.

Chegou o sono...

E o livro

Das mãos caiu para o chão,

Como um corpo desamparado.

E enquanto dorme em paz
Com lindo e puro sonho sobre o rosto,
A menina feia e pobre,
Pobre e triste
Descerra os lábios num sorriso de anjo.

Mas quando a noite foge e o sol irrompe
E os carros passam sacudindo as casas,
A menina chora sem saber porquê.

No chão,
Como flor abandonada,
Risonho, colorido
E inocente,
Jaz o romance de capa cor-de-rosa
Comprado numa feira.

VIGÍLIA

Olhos duros e parados
Velam nas sombras da noite.
Mudos, falam para mim
E querem que eu fale de mim.
Há uma história a contar...
Um pecado a confessar...

Que misteriosa intenção!
Que cruel expectativa!
Será meu pai, minha mãe,
Um companheiro de infância?...

Há uma história a contar...
Há um crime a confessar...

Entro no fundo de mim,
Vou buscar a minha infância...
Meus amigos, meus brinquedos...
As traquinices que fiz...
Onde o crime?
Onde o pecado?

O vento atira pedradas
Contra portas e janelas.
Quer entrar à viva força,
Quer varrer a minha vida...

Acordo e fico escutando...
Nervoso, salto da cama.

Os olhos estão no meu quarto,
Estão nas paredes, nos móveis,
Estão nas vigas do tecto...

Os olhos, fixos e duros,
Entraram dentro de mim.
Querem que eu fale de mim.

Será meu pai, minha mãe,
Já mortos há tanto tempo?...

Há uma história a contar...
Um pecado a confessar...

MAGIA NEGRA

Abro

De par em par, a janela

Ao convite da noite tropical.

E a noite enche o meu quarto de estrelas vivas.

Nesta hora morna e calma,

Profunda e densa como um túnel,

O rumorejar longínquo das palmeiras

Varrendo o Céu

É misteriosa voz do negro martirizado.

Prendo os meus gestos e o meu grito abafado.

Silêncio...

No poço da paz nocturna
Interceptada
Pela orgia sincopada
Das estrelas e dos grilos,
Arrasta-se o vão lamento
Da África dos meus Avós,
Do coração desta noite,
Ferido, sangrando ainda
Entre suores e chicotes.
E a Lua Cheia que veio
A voz quente do batuque,
Faz feitiço...
E o negro dorme
Sonhando ser Santo um dia.

POEMA VAZIO

Mãe, que te foste a enterrar,

O sol aberto da nossa terra

Põe um vazio infinito no meu coração,

— Meu coração cheinho de coisas vazias

(Porque as coisas vazias também enchem os lugares).

Ah! Mãe, o vazio do Sol

Pondo esgares de dor na terra chamuscada!

O vazio nocturno das ruas da nossa terra

Entrando no meu coração...

A descrença do meu coração vazio

A lutar com as promessas dos horizontes abertos

— Abertos para os olhos

Mas fechados para a realização dos sonhos do teu filho!

Mãe, que te foste a enterrar,
O vazio infinito da nossa terra,
O azul vazio do céu,
O azul vazio do mar,
A encherem o meu coração de coisas vazias!
Ah! os dias vazios da nossa terra!

À noite a lua vem
E põe branduras de veludo na terra escaldada
E espreita pelas frestas das portas destroncadas,
Deixando sonhos a pairar
Sobre as camas das crianças-grandes da nossa terra.

Mas a própria lua é vazia, minha mãe,
Irreal..
Parece que vem — não porque tem de vir —
Mas condoída da gente..
Para nos consolar..
Parece a sombra luminosa duma mãezinha morta
— Que não tem nada que dar —
Acalentando
O choro silencioso do filhinho amado.

Tanto sol!... tanto vazio...

Mas para além de tudo, mãezinha morta,
Canções vibrantes no ar,
Dias ruidosos de vida, e noites caindo como notas de música!

Para além de tudo!...
Mãe, serei salvo deste vazio imenso?

Talvez... Sim talvez eu seja salvo!

Ah! este eterno TALVEZ que me pega,
Brinca comigo
E me arremessa para uma outra vida
Que eu nem sei se existe!...

NOVA POESIA

AO AMÍLCAR CABRAL

Um dia, misteriosamente,
A Poesia perdeu-se.
E muita gente
Andou por montes e vales
Buscando-a raivosamente.

Encostas inacessíveis
Foram galgadas em vão.
Gritos e mãos para os céus,
Lágrimas, sangue e suor...
E a própria vida
Foi também oferecida...

Mas a Poesia estava
Irremediavelmente perdida.

Os homens gritaram raivas:
— Não sabiam que fazer...

Mas, de cada peito contrito,
e cada lágrima ou grito,
e cada gesto de dor,
De todo o sangue ou suor
Discretamente nascia
Uma nova Poesia.

PELA ESTRADA LONGA DA MINHA
ESPERANÇA...

De cabelo ao vento,

Pela estrada longa da minha esperança,

Vou marchando sempre,

Ao compasso quente do meu coração.

Vou de mãos vazias, vou de lábios secos.

Pela estrada longa da minha esperança

Vou colhendo tudo e vou deixando tudo.

Dias, meses, anos, vou-os sepultando

Sob a estrada longa da minha esperança.

Olham para mim

E gritam com sarcasmo:

— Por que vais marchando, por que vais sorrindo?

Que mistério é esse que te acena ao longe?

Vão caindo folhas...

Frios ventos uivam

Pelo descampado...

Mas vou marchando sempre.

Bate, bate, bate

O meu coração

Pela estrada longa da minha esperança!



ÍNDICE

	Pág.
Círculo	7
Revolta	9
Identidade	12
Lenga-Lenga	14
Intervalo	16
Nocturno do Bairro Pobre	19
Amor Distante	21
Taberna à Beira-Mar	23
Divisão	26
Furtaram-me Tudo!	28
Poeta e Povo	30
Vagabundo das Estradas	32
Metamorfose	35
Esperança	37
Vieira do Fado e da Morte	40

Mãe Negra	42
Sensibilidade	44
Interrogação	46
Choro na Noite	49
Pedido de Perdão	51
Poeta	54
Perdida	56
Teu Drama	58
Oportunidade Perdida	61
O Romance Cor-de-Rosa	64
Vigília	66
Magia Negra	69
Poema Vazio	71
Nova Poesia	74
Pela Estrada Longa da Minha Esperança... ..	76